

APRESENTAÇÃO

Em 1999, quando Macau passou a ser denominada Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), no processo de retorno de sua administração para a China, a língua portuguesa no território parecia ter um destino intransitivo. No entanto, o que verificamos hoje, uma época pós-colonial, pós-estruturalista, pós-multicultural, é a presença, cada vez mais expressiva, de uma língua que se enriquece com novas marcas e tonalidades e que ganha mais espaços políticos tanto nessa região, com pouco menos de trinta quilômetros quadrados, quanto no mundo.

A onda mais recente de investigações socioculturais em e sobre a língua portuguesa, desenvolvidas especialmente na Universidade de Macau na área dos estudos da linguagem, tem evidenciado essas novas marcas e tonalidades na direção que revela o português como uma língua transnacional. É insustentável falar em línguas puras, homogêneas, associáveis a um povo específico e faladas, com exclusividade, em um território circunscrito. Assim, o que sobretudo se tem imposto inelutavelmente é a ideia de uma língua-legião: porque são muitas as línguas portuguesas. E como vêm sendo faladas por sujeitos com heranças linguísticas e culturais imprevisíveis, vão se manifestando saudáveis, mestiças, cheias de brisas e sabores e cheiros, impuras, escorregadias, límpidas, carregadas com as contradições dos seus falantes.

São essas as línguas portuguesas que aparecem nessa obra: línguas portuguesas que são línguas primeiras, segundas, terceiras, francas; que são vistas como um lugar ingênuo e harmônico para o encontro entre sujeitos e culturas; que são espaços de conflitos; que separam, isolam e protegem diferentes comunidades linguísticas; que marcam pertencimentos e que são arenas para a construção de identidades; que se constituem como instrumentos de poder e de dominação; que apagam outras línguas; que oprimem outras línguas portuguesas; que marcam ideologias (neo)colonizadoras; que são ignoradas e desconhecidas; que são a seara da criação literária; que são mecanismos de ascensão social; que são canais de controle; que ficionam na arte e na vida.

Os artigos que apresentamos aqui adotam sobretudo um olhar que sublinha a indissociabilidade que há entre língua, cultura e interação. Os autores, compromissados com a investigação em/sobre as línguas portuguesas nessa parte da Ásia, são pesquisadores iniciantes e experientes de diferentes universidades. No conjunto, fazem um percurso interdisciplinar que passa pela linguística, pela antropologia, pela literatura, pela história, pela tradução, pelo ensino, pela política linguística, desenhando, assim, lugares simbólicos que constroem as línguas portuguesas e que por elas são construídos na China e em Macau tanto como matrizes discursivas para (re)pensar/(re)criar mundos e

perspectivas quanto como objetos empíricos para alimentar estudos socioculturais.

Organizamos os textos em dois volumes. O primeiro chamamos de “histórias, personagens e espaços”. Nele ficam mais marcadas questões identitárias em Macau e na China. O segundo chamamos de “políticas linguísticas e abordagens teóricas”. A tônica mais saliente se assenta na busca de constructos teóricos para (re)pensar o espaço de Macau. Apesar dessa divisão temática, o diálogo entre os volumes e entre todos os textos é explícito e caracteriza esse número da *Revista Fragmentum* que, a partir de um honroso convite do **Laboratório Corpus**, apresentamos ao público do Brasil.

Roberval Teixeira e Silva
Universidade de Macau, China